

LITERATURA SURDA E ENSINO DE LIBRAS COMO L2: PROCESSO DE RECEPÇÃO LITERÁRIA DA OBRA “A TRANSFORMAÇÃO DO GIRINEU - O GIRINO SURDO”

Simoni Tedesco
Carlos Antonio Jacinto

Resumo em Libras



https://youtu.be/r4bj_gxmznw

Resumo

Reconhecendo a Literatura Surda enquanto artefato vivo de representação dos Surdos sinalizantes, objetivamos analisar o processo de recepção de uma produção literária infanto-juvenil intitulada “A transformação do Girineu – o girino Surdo”. A partir de um estudo de abordagem qualitativa (Gibbs, 2009), estruturado como relato de experiência analítico (Gil, 2002), refletimos sobre as escolhas metodológicas da proposta pedagógica e de recepção da obra, apresentada a discentes ouvintes aprendizes de Libras como segunda língua. Nesse processo, observou-se a necessidade de criação de um glossário para contextualizar os sinais que seriam empregados na contação, considerando que o público era iniciante no aprendizado da Libras e necessita de diferentes suportes pedagógicos para que a contação fosse compreendida de forma significativa. Ainda, a obra foi apresentada por meio da estratégia “varal ilustrado”, a qual, através de imagens previamente selecionadas e sinais chaves, possibilitou a contação da história em Libras e ilustração do ciclo de vida dos sapos. Constatamos, como resultado, que a obra prezou pela representação do Surdo enquanto sujeito histórico e que as escolhas metodológicas, prezando pelo auxílio de recursos concretos, foram importantes para a significação dos estudantes. Esses recursos provocaram a compreensão do uso dos sinais em contexto ao longo da contação de histórias e, dessa forma, podem ser considerados ricos suportes pedagógicos para o ensino da Libras e para o trabalho com a Literatura Surda.

Palavras-chave

Literatura Surda; Recepção literária; Práticas Pedagógicas.

Recebido em: 23/04/2024
Aprovado em: 06/05/2024

LITERATURA SURDA E ENSINO DE LIBRAS COMO L2: PROCESSO DE RECEPÇÃO LITERÁRIA DA OBRA “A TRANSFORMAÇÃO DO GIRINEU - O GIRINO SURDO”

Abstract

Recognizing Deaf Literature as a living artifact of representation of the Deaf, we aim to analyze the process of reception of a children's literary production entitled “The transformation of Girineu – the Deaf tadpole”. Based on a qualitative study (Gibbs, 2009), structured as an analytical experience report (Gil, 2002), we reflect on the creative choices of the pedagogical proposal and the reception of the work, presented to hearing students learning Libras as a second language. In this process, the need to create a glossary was observed to contextualize the signs that would be used in counting, considering that the public was new to learning Libras and needed different pedagogical supports so that counting could be understood in a meaningful way. Furthermore, the work was presented using the “illustrated clothesline” strategy, which, through previously selected images and key signs, made it possible to tell the story in Libras and illustrate the life cycle of frogs. We found, as a result, that the work valued the representation of the Deaf as a historical subject and that the methodological choices, valuing the assistance of concrete resources, were important for the meaning of the students. These resources provoked the understanding of the use of signs in context throughout the storytelling and, therefore, can be considered rich pedagogical supports for teaching Libras and for working with Deaf Literature.

Keywords

Deaf Literature; Literary reception; Pedagogical practices.

Received on: 23/04/2024
Approved on: 06/05/2024

Introdução:

Acreditamos, nesta investigação, que a Literatura Surda, enquanto artefato vivo, apresenta-se como ferramenta de questionamento e ruptura de representações sociais e historicamente construídas acerca dos Surdos (Tonani, 2020). A partir desse entendimento, foi produzida uma obra literária, vinculada às literaturas infanto-juvenil e Surda, que se propunha a valorizar a necessidade de imersão dos Surdos na Comunidade Surda para que esses reconheçam sua identidade e vivenciem práticas voltadas aos aparatos da Cultura Surda (Strobel, 2008). Após a produção da obra, foi realizado o planejamento de uma intervenção literária, que buscasse articular aspectos da obra e que levasse em consideração as demandas do público receptor.

Em outras palavras, surgiu a proposta de criar uma história embasada na valorização da língua de sinais em meio às minorias que ainda não têm acesso e reconhecimento em relação a sua própria cultura. Com foco na apresentação da obra, serão discutidas, neste estudo, as escolhas metodológicas que foram utilizadas para mediar a apresentação e facilitar o processo de compreensão do público alvo. Portanto, esta investigação volta-se para a análise das escolhas pedagógicas desencadeadas nessa intervenção literária, assim como aponta reflexões relacionadas à recepção da obra pelo público presente (Iser, 1999).

Em termos de recepção, a contação de histórias foi realizada juntamente com estudantes ouvintes de uma turma de Libras como L2 – equivalente ao nível B1 do quadro de referência da Libras como L2 (Sousa *et al.*, 2020) - do curso de Licenciatura em Letras-Libras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Cabe ressaltar que a oferta dessa disciplina ocorreu logo após o retorno às aulas presenciais, ou seja, imediatamente após o período de ensino remoto emergencial ocasionado pela necessidade de isolamento decorrente da pandemia de Covid-19. Nesse contexto, as aulas da disciplina Libras I foram realizadas totalmente remotamente e, em decorrência, alguns alunos tiveram o primeiro contato com a Libras, de modo presencial, nessa segunda disciplina.

Pautados em uma perspectiva de ensino bilíngue e bicultural, as concepções de língua, identidade e Cultura Surda devem ser inseridas e

problematizadas nesse processo de ensino. Dessa forma, considerando a relação intrínseca entre língua, cultura e literatura, o componente curricular de Literatura Surda deve ocupar um papel de destaque como disciplina básica do curso de Letras-Libras. Desse modo, podemos identificamos que uma das habilidades exigidas no perfil do licenciado em Letras-Libras da UFJF é justamente o “domínio crítico de um repertório representativo de informações sobre a história, a cultura e a literatura produzidas em Libras” (PPP, 2019, p. 21). Para tanto, preconiza-se uma formação crítica que considere a constituição e a importância dessas produções literárias.

Para a condução desta investigação, optou-se pelo desenvolvimento de um estudo qualitativo (Gibbs, 2009), estruturado a partir de um relato de experiência (Gil, 2002), no qual buscamos analisar, ao longo da implementação da intervenção literária, as escolhas pedagógicas feitas e a recepção da obra pelos discentes ouvintes. Finalmente, ao considerarmos a necessidade do desenvolvimento da reflexão crítica sobre a Libras, seu ensino e o seu lugar na educação brasileira, buscamos, de modo crítico, atuar com responsabilidade social ao propor um trabalho com contação de história em Libras e disponibilizar uma obra literária da Literatura Surda, oportunizando, a partir desses duas frentes de atuação, desencapsular a representação historicamente construída da pessoa Surda na perspectiva da deficiência e a ancore e reconheça as particularidades étnico-linguísticas dos sujeitos Surdos, assim como pontuado por Silva (2011).

A Literatura Surda e o trabalho com a contação de histórias em Libras:

O reconhecimento linguístico e legal da Língua Brasileira de Sinais (Libras) está relacionado às lutas gradativas e às reivindicações das Comunidades Surdas brasileiras. No intuito de se alcançar a valorização da língua e a implementação de uma educação bilíngue, essas lutas culminaram no reconhecimento da Libras como língua proveniente da Comunidade Surda por meio da Lei nº 10.436 (Brasil, 2002) e, nos anos posteriores, a regulamentação dessa legislação através da publicação do Decreto nº 5.626

(Brasil, 2005). A partir desse movimento de reconhecimento, possibilitou-se que a Libras e outras produções culturais atreladas a ela – a exemplo de Literatura Surda – adentrassem e passassem a se constituir em múltiplos espaços, dentre eles o acadêmico.

Compreendendo que há uma vinculação forte e complexa entre escola e ensino de literatura (Zilberman, 2003), uma vez que ambas desempenham distintas funções no processo formativo, defendemos a presença e circulação da Literatura Surda em espaços escolares. Nesse sentido, especificamente sobre a literatura, para além de questões de ficção e fantasia, Cândido (2011) argumenta que ela é também formativa, haja vista que nos afeta de maneira complexa, nos faz refletir sobre nossa existência e na dos outros, oportunizando também um conhecimento profundo e diversificado sobre o mundo.

Pautados na diversidade humana existente e na transversalidade articulada ao tema, a literatura mostra-se como fonte de acesso, reflexão e transformação das relações humanas. Além disso, debater as representações de identidade e culturais expressas por materiais literários nos permite pensar e debater sobre o encadeamento existente entre sociedade e literatura, uma vez que há a literatura tem sido adotada para se debater e problematizar questões pertinentes à nossa sociedade. A partir desses reconhecimentos, compreendemos a Literatura Surda como um processo de ruptura de representações socialmente e historicamente construídas a partir de uma perspectiva hegemônica. Dessa forma, trata-se da possibilidade da “defesa por um discurso que possibilite a assunção do surdo enquanto sujeito histórico, rompendo com a representação produzida pelos ouvintes, concebida em alguns casos como opressora e baseada apenas no esforço de estereótipos que designam os surdos apenas enquanto sujeitos deficientes e incapazes” (TONANI, 2020, p. 256).

Conforme apontado por Reyes (1968), a literatura não somente reflete sobre o mundo natural e o mundo interior e subjetivo do indivíduo, como também a realidade que o rodeia. Por vezes, autores fazem uso da escrita para problematizar e criticar algumas vivências e concepções sociais, seja para

denunciá-las ou debatê-las. Portanto, a literatura mostra-se como instrumento de análise e conscientização individual e social, podendo ser mobilizada em diferentes espaços e com discentes de distintas idades e realidades. Desse mesmo modo, as produções literárias em língua de sinais têm atuado com diferentes funções que, segundo Karnopp e Klein (2016, p. 103), além de uma função poética ou estética, possui também uma função política, uma vez que podemos observar “não somente uma preocupação modo como determinada temática é apresentada, mas também nos efeitos e nas consequências das representações de surdos em tramas narrativas diversas”. Em relação às narrativas recorrentes na produção surdas, as autoras destacam três categorias de análise: 1) narrativas que valorizam a identidade surda, a língua de sinais e a resistência frente às práticas oralistas; 2) narrativas relacionadas à experiência visual; e 3) narrativas com discurso mais persuasivo, militante ou informativo.

Outro aspecto a ser considerado é que, no âmbito da formação docente inicial, conforme reflete Faria (2021), a exemplo dos currículos de Letras e de Pedagogia, raramente se encontra espaço para uma disciplina voltada à literatura para crianças e jovens, uma vez que a academia tende a excluir essas produções do campo da literatura considerada "verdadeira", com “L”, sendo esse o caso também de discentes da Licenciatura em Letras-Libras. Mediante isso, outros espaços de formação, inicial ou continuada precisam preencher essas lacunas, a exemplo do curso de extensão aqui proposto.

Na intervenção literária aqui apresenta, nossa defesa a favor das práticas pedagógicas ligadas à contação de histórias se dá por visualizarmos a potencialidade que a literatura em Libras tem no desenvolvimento de crianças menores, sejam elas surdas ou ouvintes. Nessas produções, podemos observar a existência de recursos como magia e antropomorfismo (personificação), especialmente de animais que falam e se comportam como se fossem humanos. São textos curtos com sinais simples. Contam com personagens surdos em configurações que o público pode se identificar para gerar empatia. Apresentam desafios a superar para estimular a criança a refletir (Sutton-Spence, 2021). Portanto, além de aspectos da imaginação e da

fruição literária, essas obras mostram-se como oportunidade para o ensino de Libras e de aspectos inerentes à cultura e identidade surdas.

Com base nessas reflexões e compreendendo a função formativa e social da literatura, reconhece-se a necessidade de espaços para se possibilitar o desenvolvimento da consciência dos estudantes para a o debate de temas relacionados à diversidade humana. Na contemporaneidade, compreendendo a importância da literatura e das artes em geral, almeja-se um espaço escolar onde esses instrumentos sejam mobilizados a fim de se criar um espaço no qual a literatura e a arte sejam caminhos possíveis para retratar outros modos de ver e estar no mundo, de questionar as normas instituídas, de alterar e alterar-se. Logo, compreendendo que, dentre as diversas funções da literatura, a função formativa é uma delas (Cândido, 2011), pode-se utilizá-la com esse caráter de exposição a outras realidades e modos de ser e estar no mundo.

Além disso, como existe uma relação intrínseca entre língua e literatura, esta pode ser utilizada para se trabalhar a língua, no nosso caso, a Libras, uma vez que arcabouços jurídicos como a lei nº 10.436 (Brasil, 2002) e o decreto 5.626 (Brasil, 2005) tematizam diferentes ações e prezam pela difusão da Libras em diferentes espaços, dentre eles o educacional. Portanto, defendemos que contar histórias em Libras é importante para toda a Comunidade Surda – das crianças aos mais idosos.

Finalmente, entendemos que a literatura tem objetivo de entreter, mas também de educar, aculturar e desenvolver a língua explorando seus limites. Ainda, acreditamos que a presença dessas histórias em Libras em sala de aula extrapola sempre o objetivo pedagógico além do mero prazer, uma vez que visualizamos sua potencialidade para o ensino da língua de sinais e aspectos culturais a ela associados, estimula a imaginação, incentiva as habilidades sociais, apresenta fatos e envolve o interesse em outro assunto da aula (Sutton-Spence, 2021).

Aspectos metodológicos – o planejamento da intervenção literária:

Conforme apresentado anteriormente, temos um cenário histórico de negligência com a Literatura Infantil em cursos de formação docente, dentre eles a Licenciatura em Letras-Libras. Dada essa negligência histórica, observa-se a urgência de propostas e ações que busquem e se proponham a preencher essas brechas ou romper com essas lacunas. Desse modo, a partir do desenvolvimento de estudo de abordagem qualitativa (Gibbs, 2009), estruturado com base em um relato de experiência analítico (Gil, 2002), buscamos caracterizar e descrever as escolhas criativas da proposta pedagógica de recepção de uma obra literária apresentada a discentes ouvintes aprendizes de Libras como segunda língua (L2), através de um projeto de intervenção literária.

Mediante isso, verificamos inicialmente a não-presença de um componente curricular específico e voltado para o trabalho com a contação de histórias em Libras no curso de Letras-Libras da UFJF. Contudo, apesar da inexistência de uma disciplina específica, sabe-se que, a partir do relato de docentes e discentes do curso, que a contação de histórias, especialmente por meio do trabalho com produções audiovisual, tem sido utilizada no curso como um instrumento de aprendizado da Libras e de aspectos culturais a ela relacionados.

Essa alteração curricular foi possível a partir de 2020, sendo que, com a reformulação nos cursos de licenciatura das universidades brasileiras, 400 horas passaram a ser reservadas para as Práticas como Componente Curricular (PCC), que deveriam ser distribuídas ao longo do curso (Brasil, 2015). Após essa alteração, a disciplina de Literatura Surda I do curso de Licenciatura em Letras-Libras da UFJF passou a ser associada a uma disciplina prática, a Prática em Literatura Surda I (PPC, 2020). Nesse sentido, tem-se aproveitado o contexto da disciplina prática para se discutir e disseminar o trabalho com a contação de histórias em diferentes espaços, e com diferentes públicos, uma vez que, como proposta, as práticas buscam fomentar “a articulação teoria-prática, que propiciam aos alunos, prioritariamente, a reflexão sobre temas práticos da atuação profissional do licenciado, com ênfase em sua imersão na Escola Básica” (PPC, 2020, p. 35).

A partir do espaço dessa disciplina de 30 horas, buscou-se a implementação de um projeto de intervenção literária voltado para a contação de histórias relacionadas à Literatura Surda em Libras (Sutton-Spence, 2021). A metodologia seguida para esse projeto de intervenção está pautada no desenvolvimento de um Projeto de Aprendizagem (Zanetti Neto, 2019) ou Aprendizagem Baseada em Projetos (Lopes; Silva Filho; Alves, 2019) que, a partir de diferentes ações pedagogicamente propostas, visa um objetivo ou resultado final. Nesse sentido, o projeto de intervenção previa o cumprimento de algumas ações, sendo: 1) seleção do contexto de atuação, podendo ser um espaço de ensino de Libras como primeira ou segunda língua, formal ou informal; 2) escolha da obra literária a ser trabalhada; 3) análise e exploração dos elementos paratextuais; 3) entender o uso e o trabalho com a contação de histórias em Libras na prática docente, por meio da realização de uma entrevista semiestruturada; 5) exploração dos elementos linguísticos da obra em Libras e sua adaptação para a prática de contação de histórias; e 6) implementação da contação de histórias, seguida da sua avaliação crítica.

Em termos de avaliação do trabalho desenvolvido, ao longo do semestre, os discentes deveriam produzir pequenos relatórios descritos e, em dois encontros, por meio da metodologia da escuta sensível, deveriam explicar e dialogar com toda a turma o trabalho desenvolvido.

Resultado – aplicação e avaliação da intervenção literária:

Combinar, em um trabalho de intervenção literária, uma obra da Literatura Surda e a Estética da Recepção pode nos oportunizar resultados interessantes, uma vez que se coloca como pressuposto a leitura como fruição. Nesse sentido, segundo Campos (2006), esse tipo de intervenção caracteriza-se como um ato de comunicação entre autor-texto-leitor, sendo que o ponto de vista do leitor é imprescindível. Nesse sentido, ainda segundo a autora, este método mostra-se contrário às teorias tradicionais dominantes e passa a assumir e reforçar sua base social, uma vez que valoriza a interação constante entre os sujeitos envolvidos nesse ato comunicacional.

Em outras palavras, se propõe a romper com o exclusivismo da teoria e da apresentação estética e, ao invés da historicidade estar focado na biografia do autor ou no contexto histórico da obra, se coloca como foco a recepção leitora, ou seja, considera a leitura literária como produção, recepção e comunicação. Nesse ínterim, se estabelece uma relação dinâmica entre autor, obra e leitor e, a partir disso, o leitor é colocado como central (Zilberman, 2015).

Sobre o método, Rodrigues e Pires (2008) destacam a importância do papel do professor. Para as autoras, de modo que o método obtenha sucesso, ele coloca-se dependente, em grande parte, da atuação do docente, pois é esse o sujeito envolvido desde os primeiros passos, a exemplo da sondagem dos horizontes de expectativas dos discentes, dos conhecimentos da turma, e da produção do material didático. Ainda de acordo com os autores, o aluno é visto e passa a se ver como agente do processo de leitura e de aprendizagem, uma vez que é ele quem determina a continuidade do processo, atuando em um constante enriquecimento cultural e social.

Portanto, na aplicação desse método, por ter uma característica social, professores e alunos passam a exercer uma grande interação e compartilhamento de experiências, a partir do contato com a obra. Nesse sentido, coletivamente, vão produzindo e negociando sentido entre eles, com os autores e com as obras.

Dessa forma, ao relacionarmos as demandas dos discentes ouvintes e o trabalho docente, verificamos que as estratégias elaboradas para mediar o ensino de Libras básica para estudantes, independentemente da idade, pode ter um processo mais receptivo quando há a organização prévia dos instrumentos mediadores que servirão de sustentação durante o desenvolvimento das ações. O ensino de Libras através de suportes como livros, histórias, imagens, desenhos etc, pode colaborar na compreensão de determinados gêneros textuais, provocando um aprendizado dinâmico que evita o mecanismo de apenas unívoca ao fazer a relação entre palavras na língua portuguesa e o seu significado na Libras. Nesse sentido, valoriza a

sinalização em relação ao emprego de cada sinal dentro das frases, ou seja, aplicadas em um determinado contexto de significação.

Ainda, o ensino mediado por instrumentos pedagógicos pode aguçar a visualidade e colaborar para o processamento das informações, esse processo normalmente acontece de forma natural, diferente do contexto ao qual se ensina apenas sinais isolados. O aprendizado em contexto problematiza com os educandos que o mesmo sinal pode ter significados distintos, por isso o uso pode ser variado a depender de cada circunstância. Entretanto, não se pode desconsiderar o uso de determinados meios que utilizam imagem e sinal para significar algumas situações. Como exemplo, é possível refletir sobre o Glossário em Libras, podendo ser um instrumento potente quando usado de forma dinâmica nas mediações com aprendizes de Libras básica, considerando que o uso de imagem, junto a manifestação do sinal e a palavra em português pode oferecer segurança nos primeiros contatos com sinalizações mais longas como em histórias. Sobre esse instrumento, Mariani (2013) reforça seu papel na aquisição de novos vocabulários e, conseqüentemente, o desenvolvimento cognitivo.

A partir dessas reflexões, no processo de implementação da intervenção literária aqui analisada, foi necessário organizar a criação e aplicação de um instrumento pedagógico relacionado à Literatura Surda para mediar o aprendizado de Libras. Conseqüentemente, essa produção deveria ser aplicada, sendo todo processo de escolhas e recepção registrado no relatório da disciplina, além de compartilhar com o professor e demais alunos da turma em formato de apresentação.

Antes de planejar qualquer ação, foi necessário definir o público para recepção da dinâmica. Após acordar com a professora de uma turma da disciplina de Libras II do curso de Letras-Libras da UFJF, foram planejadas e organizadas ações intencionais com o intuito de promover a participação significativa dos alunos. Para isso, foi necessário fazer uma investigação prévia da turma para conhecer quem eram os estudantes, sondar a compreensão deles sobre a língua de sinais, ponderando que ao ingressar na

licenciatura em Letras-Libras não é necessário que o aluno tenha fluência na língua, considerando que durante o curso vai se alcançando a fluência.

É válido considerar que devido ao afastamento social, os alunos estavam retornando de um período de aulas remotas, sendo a primeira experiência deles presencialmente cursando a disciplina Libras II ministrada pela professora Queila Érika Taligliatti de Souza¹. A mediação com a professora foi fundamental, pois ela esclareceu algumas dúvidas quanto ao nível de compreensão da Libras que a turma apresentava. Ela disponibilizou a ementa do curso e expôs sua forma de trabalho com o grupo que sempre acontece a partir da problematização de determinados gêneros textuais que são a fundamentação para a apresentação da Libras em contexto. Mostrou alguns materiais e atividades que havia produzido com a turma, mas deixou livre as escolhas para a implementação da intervenção literária.

A partir dos conteúdos expostos na ementa da disciplina, foi possível levar a Literatura Surda como representação da identidade surda e a possibilidade de apresentar novos sinais inseridos no contexto da atividade. Para isso, foi produzida uma história autoral, vinculada à Literatura infanto-juvenil, intitulada “A transformação do Girineu – o girino Surdo”. De forma lúdica, o conteúdo faz uma breve, mas intensa reflexão sobre surdos que nascem em famílias de ouvintes não sinalizantes e passam por processos excludentes e capacitistas vindos do próprio meio social onde estão inseridos, também retrata a necessidade de o surdo ter contato com seus pares para se reconhecer como tal e criar sua própria identidade a partir das suas escolhas. A história pode ser apresentada para qualquer público, a depender do contexto.

A motivação para criar a história se justifica pelo fato de perceber que muitas publicações de Literatura Surda infantil e infanto-juvenil já são conhecidas nos ambientes educacionais que trabalham com aulas de Libras, inclusive muitas já estavam no cronograma das atividades da disciplina.

¹ Agradecemos à professora que, gentilmente, nos cedeu seu espaço de sala de aula e nos auxiliou ao longo dos processos de planejamento, intervenção e avaliação deste projeto pedagógico.

Sendo assim, foi possível associar os artefatos culturais da vida dos Surdos, questões ligadas às múltiplas identidades que esses sujeitos podem assumir e a necessidade de explorar Literatura Surda, principalmente nas escolas. Além disso, mas não menos importante, destaca-se também o objetivo de trabalhar com uma obra literária nas turmas de Licenciatura em Letras Libras, sendo que é um curso formador de professores de Libras e acreditamos que a inserção e valorização de aspectos culturais e artísticos relacionados à língua precisam se tornar uma realidade. Dessa forma, as discussões e as diversas possibilidades para se trabalhar um livro de literatura com crianças, adolescentes, jovens e adultos deve ser contemplada e discutida nesses ambientes.

Como indicado, a turma de Libras II tem alunos que estão no nível básico da Libras, já outros têm mais compreensão das sinalizações. Pensando na pluralidade da turma, os elementos paratextuais foram apresentados à professora Queila para que ela pudesse conhecer e analisar se seriam propícios para seus alunos. No retorno dado pela docente, informou que gostou do modo como foi organizada a sequência e sinalização da história baseada nas imagens, acrescentando que o uso de imagens facilita para os alunos assimilarem e compreenderem todo o enredo.

Considera-se que qualquer contação de histórias não se esgota apenas com a leitura ou sinalização sequencial ou com releituras e perguntas ao final, há inúmeras possibilidades que podem reforçar os estímulos e contribuir para a compreensão do enredo. Logo, ao se tratar do aprendizado da Libras, nas turmas iniciantes a contação de histórias pode agir como elemento favorecedor da compreensão da construção das frases, diálogos e estrutura da língua, além da imersão de novos sinais e uso de conectivos próprios, atribuindo significado e enriquecendo o vocabulário dos alunos. Outra importante ferramenta pedagógica são as ações desenvolvidas para nortear a contação, ou seja, importantes recursos que contribuem para o processo de recepção da obra pelos alunos. Pois em turmas de iniciantes é primordial pensar que esse tipo de obra está predominantemente em uma língua que os receptores não têm domínio, assim sendo, necessitam de estímulos e suportes para que compreendam a língua.

Pensando na necessidade de provocar a compreensão dos alunos, sendo que a proposta de contação é toda sinalizada, foram criados recursos didáticos visuais para mediar a contação. No dia de aplicar a intervenção, a professora Queila já havia comunicado aos alunos a contação de histórias, foram postos os objetivos da atividade oralmente porque todos são ouvintes, apesar de a apresentação desta intervenção ter ocorrido somente em Libras.

O glossário da história é composto por imagens coloridas impressas em folhas A4 plastificadas. Foram selecionados sinais principais da contação para criar o glossário. Para exemplificar, o sinal de “girino” foi o primeiro, considerando que não é habitual usá-lo, por isso muitos desconheciam e tiveram a oportunidade de aprender antes da história ser contada. Os sinais de lago, rio, sapo, ciclo, tempestade, enchente, família, irmãos, etc, também compuseram o glossário. O recurso foi fixado ao lado do quadro branco e pode ser consultado durante a contação. Foi apresentado em Libras, mostrando apenas a imagem e realizando duas vezes o sinal, sempre que alguém solicitava era feita a repetição. No glossário os sinais estavam avulsos, na história eles apareciam no contexto, ou seja, em uma página havia um desenho grande e aparecia a imagem que estava no glossário.

O primeiro sinal a ser apresentado foi de glossário, os alunos estavam atentos, era possível perceber muitas mãos aflitas se mexendo e reproduzindo o sinal, e foi assim com todos os sinais. Combinamos de os alunos fazer o sinal de “repete” sempre que julgavam necessário repetir o sinal mais de duas vezes. Foi interessante a reação dos alunos, olhavam atentos e curiosos para as imagens e repetiam as sinalizações participando ativamente.

Em seguida foi esticado o varal de histórias ilustrado de um lado ao outro do quadro. O varal ilustrado é um recurso onde se tem uma corda na horizontal amarrada pelas duas pontas numa altura que contempla visualmente o público que irá visualizar. Há vários cartões impressos e plastificados com imagens das fases de vida de Girineu contemplando seu nascimento até a adolescência, as imagens dos locais onde ocorre a história também são registradas nos cartões. As imagens foram selecionadas de forma

alheia na internet, o critério de escolha eram imagens públicas que estivessem de acordo com a sequência da história.

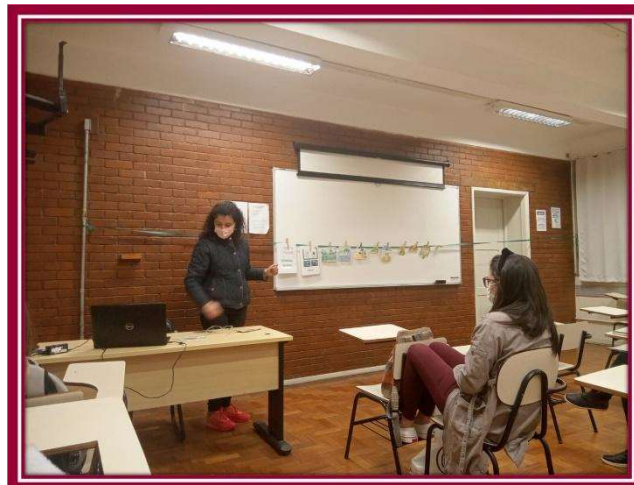
A sinalização da história foi pensada e dividida em partes pequenas e a cada início na sinalização, uma imagem é pendurada no varal, o contador vai sinalizando devagar e ajuda a localizar a cena fazendo apontamento com o dedo para as imagens de acordo que surgem com a sequência das cenas. Quando o contador percebe expressões confusas nos alunos, pode retornar a sinalização e novamente fazer calmamente os apontamentos, se necessário mudar a estratégia de contação para facilitar a compreensão de quem ainda expressa dúvida.

Na sequência das ações, teve início a contação de histórias, e os alunos acompanhavam com olhares atentos, sorrisos e gargalhadas, eram muitas expressões faciais que demonstravam a participação deles. Quando ficava visível a dúvida, era necessário recontar o trecho mal entendido. Muitos alunos continuavam replicando a sinalização, em sinais mais complexos eles olhavam para as mãos, repetiam, se esforçaram para acompanhar a sequência. Quando acabou, eles queriam ver novamente a história. Foram convidados a contar a história, mas estavam inseguros, atendendo aos pedidos, houve o reconto. Ao final, alguns tiveram dúvidas, outros fizeram sinal de coração com as mãos, de lindo, amei. Retomamos o glossário e eles estavam comparando as imagens, fazendo os sinais, foi interessante a movimentação da turma.

Na sequência de imagens dispostas a seguir, é possível constatar o uso do varal feito com as imagens da obra e a primeira autora deste estudo fazendo a contação de história em Libras.

Figura 01: Registro da contação de história em Libras e do varal ilustrado





Fonte: acervo pessoal dos autores

Durante o momento de recolha do material, a professora propôs aos alunos perguntas orais porque percebeu que eles queriam se expressar sobre a experiência, mas estavam inseguros para sinalizar. Surgiu então um bate-papo produtivo onde o mediador apontou várias questões sobre a Cultura e Identidade Surda, os aparatos da cultura surda e outras possibilidades para trabalhar com o livro de forma interdisciplinar, como em ciências utilizando informações sobre o ciclo de vida, a diferença entre lago, rio, surgiram inúmeras possibilidades e foi possível perceber que os alunos estavam interessados e participativos.

No geral, os discentes avaliaram os elementos paratextuais como positivos para a compreensão da história, fotografaram, solicitaram o compartilhamento da história e o arquivo das imagens, ficaram surpresos porque foi uma criação. Foi notável que a contação de uma história autoral despertou inspiração para explorarem a criatividade no trabalho com crianças surdas.

Durante a contação, foi possível perceber que o material visual foi muito importante para os ouvintes e, dessa forma, acreditamos que na aquisição da língua para crianças Surdas possa ser ainda mais potente.

Compartilhar com a turma como foram feitas determinadas escolhas antes de criar a história foi indispensável para que eles se conscientizarem sobre a importância de contar histórias que contemplem a Cultura Surda, de modo que os alunos Surdos se sentirem pertencidos e para os ouvintes conhecerem o mundo surdo. Foi uma forma de ampliar a visão deles ao atuar como professores de Libras e fazerem as escolhas assertivas por meio de metodologias ativas e próprias para cada aluno. Além disso, essa conversa com os discentes possibilitou o desencadeamento de reflexões acerca do processo de produção de uma obra autoral, destacando etapas e alguns princípios desse processo criativo.

Considerações finais:

Concluída essa intervenção literária, verificamos que, em resumo, o processo de produção de uma obra literária que apresenta a história de vida de um sapo Surdo nascido em uma família ouvinte, no interior, e que desconhecia a língua de sinais. Por não haver uma língua compartilhada, vivia no isolamento. Acerca das estratégias pedagógicas mobilizadas, a obra foi apresentada por meio da estratégia “varal de ilustrações”, o qual, através de imagens previamente selecionadas e sinais chaves, possibilitou a contação da história em Libras e ilustração do ciclo de vida dos sapos. Ainda, previamente ao início da contação, foi apresentado um glossário com alguns sinais que seriam mobilizados ao longo da contação. Na exibição desse glossário, muitos alunos indicaram desconhecer o sinal de girino, daí a importância dessa escolha didática.

Nesse sentido, a partir da descrição das escolhas metodológicas feitas, constatamos a importância dos elementos paratextuais na contação de histórias e a necessidade de que o docente de Libras se atente ao modo como esses elementos serão apresentados. No nosso caso, verificamos que o uso do varal e a apresentação do glossário nortearam a contação de história feita em Libras, auxiliando a compreensão dos alunos ouvintes através das cenas e da indicação dos personagens, possibilitando, assim, a compreensão do significado dos sinais através da sua associação com uma imagem e,

principalmente, essa significação dos sinais a partir de um contexto de uso e não de forma isolada.

Diante dos resultados apresentados, a próxima etapa do projeto será fazer a gravação sinalizada da obra em vídeo, com o auxílio de elementos paratextuais e, posteriormente, a busca de uma possível publicação através de um material impresso ou digital. Ademais, em termos de divulgação da obra, temos participado de eventos e seminários nas áreas dos Estudos Literários e Educação de Surdos, a fim de refletir sobre os aspectos composicionais da obra e, ao mesmo tempo, divulgá-la e buscar possíveis parcerias para uma posterior publicação.

Referências

BRASIL. Diário Oficial da União. **Lei nº 10.436** de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências, 2002.

BRASIL. Diário Oficial da União. **Decreto nº 5.626** de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o Art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP nº 02** de 01 de julho de 2015. Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada. Brasília, DF, 2015.

CAMPOS, A. F. **A formação do leitor através do método recepcional**. In: Cadernos de Ensino e Pesquisa da FAPA - n. 2 - 2º Sem, Porto Alegre, 2006.

CANDIDO, A. *et al.* **O direito à literatura**. Vários escritos, v. 3, p. 235-263, 1995.

FARIA, M. A. **Como usar a literatura infantil na sala de aula**. Editora Contexto, 6ª ed, 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético, vol. 2. Tradução de Hohannes Kretschmer-São Paulo: Ed.34, 1999.

KARNOPP, L. B. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, FaE/PPGE/UFPel. Pelotas [36]: 155 - 174, maio/agosto 2010.

- KARNOPP, L. B. Literatura Surda. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.7, n.2, p.98-109, jun. 2006.
- KARNOPP, L. **Literatura Surda**. Texto base da disciplina de Literatura Surda, UFSC: Florianópolis, 2008.
- LOPES, R. M.; SILVA FILHO, M. V.; ALVES, N. G. **Aprendizagem baseada em problemas**: fundamentos para a aplicação no ensino médio e na formação de professores. Rio de Janeiro: Publiki, v. 198, 2019.
- MARIANI, R. **Libras - A construção e a divulgação dos conceitos científicos sobre o ensino de Ciências e Biotecnologia**: integração Internacional de um dicionário científico online. 2014. Tese. (Doutorado em Ciências e Biotecnologia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2014.
- MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. Porto Alegre, 2011.
- MOURÃO, C. H. N. Adaptação e tradução em literatura surda: a produção cultural surda em língua de sinais. IX ANPED Sul. **Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, 2012.
- MOURÃO, C. H. N. **Literatura Surda**: experiência das mãos literárias, 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná- UFPR.
- QUADROS, R. M. O 'B' em bilinguismo na educação de surdos. *In*: FERNANDES, E. **Surdez e bilinguismo**. Porto Alegre: Mediação, v. 1, p. 27-38, 2012.
- REYES, M. L. Literatura, sociedad y crítica. Monteagudo: **Revista de literatura española**, hispanoamericana y teoría de la literatura, n. 60, p. 35-37, 1978.
- RODRIGUES, E. L. O. S.; PIRES, S. A. F. O método recepcional e a formação de leitores de poesia. **Curitiba: Secretaria da Educação**, p. 2487-8, 2008.
- SILVA, C. A. A. **Entre a deficiência e a cultura: análise etnográfica de atividades missionárias com surdos**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- SOUSA, A. N. *et al.* Quadro de referência da Libras como L2. **Fórum Linguístico**, v. 17, n. 4, 2020.
- SUTTON-SPENCE, R. **Literatura em Libras** [livro eletrônico]. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Editora Arara Azul, 2021.
- STROBEL, K. **O olhar do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.
- TONANI, P. Eu sou surda, tenho a minha voz: leituras sobre autoria feminina surda. **Revista Criação & Crítica**, n. 28, p. 254-274, 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA, **Projeto Pedagógico de Curso** – Licenciatura em Letras-Libras, Faculdade de Letras. 2020.

ZANETTI NETO, G. **Tendências Pedagógicas**. Apostila digital. Vitória: IFES-Cefor, 2021.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2003.

ZAPPONE, M. H. Y. A leitura de poesia na escola. In: MENEGASSI, R. J. (Org.). **Leitura e ensino**. Maringá: EDUEM, 2005.

ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. Editora Ática. 3ª ed., 2015.